

A constituição do conceito de eu na metapsicologia freudiana¹

Thiago Henrique Bomfim*

Departamento de Filosofia e Metodologia das Ciências, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP, Brasil

Resumo: Este artigo analisa o processo de constituição do conceito de eu na metapsicologia freudiana, desde o *Projeto de uma psicologia científica* (1895), passando por seu “retorno” a partir dos trabalhos sobre o narcisismo e a releitura da tópica em *O eu o isso* (1923), em decorrência de *Para além do princípio do prazer* (1920). Tal divisão de sua obra indica as relações do conceito de eu com importantes pilares de sua metapsicologia, como a teoria pulsional e tópica. Assim, submetê-lo a uma investigação capaz de detectar seus princípios norteadores e condições de possibilidade constitui-se como uma importante ferramenta para a análise de algumas ambiguidades presentes no pensamento de Freud.

Palavras-chave: Metapsicologia, Epistemologia, Psicanálise, Ego.

Introdução

Pode-se dizer que a constituição do conceito de eu na metapsicologia freudiana inicia-se com a elaboração de sua teoria da defesa, que se constitui como o ponto fundamental para se interpretar os primeiros dados do autor no campo da psicopatologia e da metapsicologia. Desta forma, a teoria da defesa oferece elementos para a construção da primeira distinção nosográfica na psicanálise e destaca as elaborações em torno dos conceitos de eu, repressão e inconsciente (Simanke, 1994).

Sobre isso, estabelecem-se as relações entre o eu e a consciência em sua correspondência com Fliess, notadamente no *Manuscrito K* anexado à *carta 39* (Freud, 1950a/1989), no qual Freud analisa a oposição entre as representações reprimidas e o eu na dinâmica das neuroses, culminando com as alterações do eu no processo defensivo; bem como no *Manuscrito N* (Freud, 1950a/1989), no qual é assentada a relação estreita entre eu e consciência/pré-consciência.

Foi analisado o processo de constituição do conceito de eu na metapsicologia freudiana, desde o *Projeto de uma psicologia científica* (1895), passando por seu “retorno” a partir dos trabalhos sobre o narcisismo e a releitura da tópica em *O eu o isso* (1923), em decorrência de *Para além do princípio do prazer* (1920). Salienta-se a importância da análise dos conceitos de identificação, castração e da teoria do Édipo, bem como a investigação acerca dos processos defensivos a partir dos estudos sobre fetichismo e psicoses ao final da obra freudiana, com vistas a fornecer fundamentos conceituais para uma visão mais coesa e crítica do eu na metapsicologia freudiana. Além dos textos freudianos, foram apresentadas análises de alguns comen-

tadores de sua obra na tentativa de elucidar de maneira mais crítica alguns desenvolvimentos apresentados ao longo deste artigo.

Pode-se dizer que submeter o conceito de eu a uma investigação capaz de detectar seus princípios norteadores e condições de possibilidade favorece a leitura de alguns impasses teóricos presentes na obra de Freud, haja vista suas relações com pilares importantes da metapsicologia, como a teoria pulsional e tópica. Por sua vez, a investigação crítica de tais impasses teóricos fornece elementos importantes para o questionamento de uma possível leitura que circunscreve a função do eu à organização dos processos psíquicos na metapsicologia freudiana, especialmente a partir dos desenvolvimentos em torno dos conceitos de narcisismo, identificação e castração ao longo de sua obra.

O conceito de eu no Projeto de uma psicologia científica e A interpretação dos Sonhos

Ao longo de 1895, Freud parece ter dirigido seus interesses para a elaboração de uma teoria da mente por meio das relações entre o campo fisiológico e psicológico, conforme atesta sua correspondência com Fliess (Wollheim, 1971). Neste contexto, os desenvolvimentos apresentados no *Projeto* fornecem elementos para a análise das lacunas presentes em sua monografia sobre as afasias de 1891, envolvendo especialmente a questão da memória e da natureza dos elementos da representação (Gabbi, 1995; Simanke, 2005). Deve-se citar ainda que, nesse trabalho, encontram-se os primeiros desenvolvimentos metapsicológicos em relação ao conceito de representação, a partir de críticas ao localizacionismo, atomismo psicológico e associacionismo (Caropreso & Simanke, 2006a; Simanke, 2007).

No *Projeto*, Freud desenvolve sua teoria por meio de dois axiomas – neurônios e quantidade (Q) – e, de acor-

1 A pesquisa contou com o apoio financeiro inicial do CNPq

* Autor correspondente: thiagohbomfim@gmail.com

do com o princípio da inércia neuronal, indica que toda a quantidade exógena e endógena do aparelho neuronal é eliminada à medida que é processada no sistema. Haja vista a necessidade da consideração tanto dos fenômenos da percepção quanto da memória no aparelho, Freud estabelece dois sistemas de neurônios de mesma natureza e diferentes em aspectos funcionais para a realização de tais funções, Φ e Ψ respectivamente. Devido ao contato com diferentes magnitudes e origens de Q e à resistência considerável à sua passagem, ao contrário de Φ , os neurônios Ψ são responsáveis pelos processos de memória, na medida em que favorecem constantes modificações para a formação de um sistema mnêmico. Cumpre salientar que a memória é constituída pelas diferenças nas facilitações [Bahnung] existentes entre os neurônios, sendo elas caminhos preferenciais para a excitação dentro do aparelho devido a passagens frequentes de Q entre os neurônios e à diminuição da barreira de contato entre eles. Para Freud, o conceito de representação deve ser entendido na complexidade das relações entre neurônios e facilitações. Atesta-se assim a relação entre memória e representação no desenvolvimento da metapsicologia freudiana desde seus primórdios².

A partir da relação estabelecida entre os conceitos de representação, memória e consciência, Freud aponta que “os processos indicam que se formou em Ψ uma organização cuja existência perturba cursos quantitativos que foram executados, na primeira vez, de uma forma determinada, ou seja, acompanhados de satisfação ou de dor. Esta organização chama-se o eu” (Freud, 1950b/1995, p. 36). A respeito desta apresentação no *Projeto*, o eu constitui-se como uma organização que perturba os cursos quantitativos do aparelho neuronal devido à sua função de ceder suas ocupações [Besetzungen] por meio do caminho da satisfação. Sobre isso, deve-se apontar que Freud indica que os processos psíquicos primários são ocupações desiderativas que levam à alucinação, considerando a relação entre percepção e vivência de satisfação original. Por sua vez, “todos os outros processos possibilitados apenas por uma boa ocupação do eu e que são uma moderação dos apresentados acima designamos como *processos psíquicos secundários*” (Freud, 1950b/1995, pp. 40-41). A característica fundamental do eu é o constante estado de ocupação em que se encontra, o qual possibilita a facilitação temporária das barreiras de contato a ele adjacentes, redundando na modificação do curso da excitação. Considerado como uma organização dentro do sistema neuronal, o eu proporciona a emergência de um critério de diferenciação entre percepção e recordação, a partir do direcionamento da eliminação de Q e consideração do signo de realidade, em decorrência de seu caráter de inibição dos processos psíquicos primários.

Neste trabalho, já encontramos as funções do eu por excelência na metapsicologia freudiana, considerando os processos de tensão e de perturbação da economia do

aparelho de processamento de representações, seja o aparelho neuronal de 1895, seja o aparelho psíquico das teorias tópicas posteriores.

Antes de iniciarmos a análise do conceito de eu na obra de 1900, deve ser apontada a relação estabelecida entre a carta 52 a Fliess (Freud, 1950a/1989) e os elementos presentes na leitura da tópica desenvolvida por Freud na seção B do capítulo VII de *A interpretação dos sonhos*. Nesta carta, após indicar que o mecanismo psíquico é formado por uma espécie de processo de “estratificação” de sucessivos registros, Freud associa a pré-consciência [Vorbewusstsein] ao conceito de eu. Nota-se uma espécie de redução do aparelho neuronal exposto no *Projeto* em 1895, uma vez que, embora não seja utilizado o termo neurônio, as funções apresentadas são sobremaneira relacionadas ao sistema ψ do trabalho de 1895. Outro fato a se considerar é que, mesmo apresentando na carta 52 um esboço quase finalizado da tópica de 1900, Freud não utiliza o conceito de eu de maneira estruturada neste trabalho. O que pode ser notado nas raras asserções apresentadas aqui sobre o eu é o fato de Freud estreitar ainda mais os seus laços com o sistema pré-consciente/consciente, como indicado na carta 52. Uma justificativa para tal questão é o fato de este conceito se apresentar como um polo de oposição a partir do qual Freud circunscreve o “lugar” do inconsciente, tornando assim imprescindível a sua exposição ao leitor não familiarizado com o conceito (Monzani, 1989).

Embora Freud nunca tenha explicitamente mencionado o *Projeto* em qualquer escrito posterior, podemos notar que o capítulo VII de *A interpretação dos sonhos* é uma “apresentação não formal das ideias expostas no manuscrito agora abandonado [o *Projeto*]” (Wollheim, 1971, p. 65). Por sua vez, em 1896, ano em que escreve a carta 52, nota-se a perda de “uma parte da riqueza de interação entre a percepção, a memória e a consciência” (Wollheim, 1971, p. 66). Assim, de 1895 a 1900, passando pela carta 52, assistimos a uma redução do aparelho neuronal exposto no *Projeto*, embora seja possível notar sua influência em textos posteriores, como veremos a seguir. Sobre isso, nota-se a continuidade de seu pensamento no capítulo VII de *A interpretação dos sonhos* e em trabalhos ulteriores³.

Alguns problemas também encontrados nessa obra podem ser remetidos diretamente ao conceito de eu, como a inserção da consciência na tópica, a questão da origem das representações e o processo da repressão. Sobre a primeira questão, encontramos o fato de a consciência como sistema não encontrar um lugar fixo no aparelho, uma vez que Freud ora a localiza em sua extremidade perceptiva, ora em sua extremidade motora. Um exemplo será a nota de rodapé agregada à edição de 1919 de *A interpretação dos sonhos*, na qual é proposta uma espécie de torção no aparelho apresentado na seção B com o objetivo de solucionar este problema.

2 Para uma análise sobre este tema, cf. Caropreso (2003, 2011), Caropreso e Simanke (2006a), Simanke (2007).

3 Sobre a discussão entre as leituras da obra freudiana que afirmam uma continuidade no desenvolvimento de suas teses – a chamada leitura “continuista” – e aquelas que partem do princípio que há grandes rupturas nesse desenvolvimento – a chamada leitura “descontinuista”, cf. Monzani (1989).

No que tange aos outros problemas citados, Freud aponta que uma representação desprazerosa pode ser reprimida sempre que a sua tradução no sistema seguinte acarreta uma sobrecarga de excitação, considerando os desenvolvimentos da *carta 52*. Como conciliar tal posicionamento com o fato de a origem de toda a representação ser inconsciente, algo que é fundamentalmente reprimido nesta época de sua obra? Desta forma, pode-se apontar que a ideia de um inconsciente originário – e, logo, de uma repressão primordial [*Urverdrängung*] – é latente no pensamento freudiano até os textos metapsicológicos de 1915, nos quais, a partir de um resgate de desenvolvimentos anteriores – notadamente os conceitos de representação de palavra e de objeto em *Sobre a concepção das afasias* (1981), e a desconstrução de uma relação de identidade entre o psíquico e consciência no *Projeto* (1895) – assenta-se o caráter contingente da consciência em relação à representação e a desconstrução de uma relação de identidade entre o inconsciente e o reprimido (Caropreso, 2003, Caropreso & Simanke, 2008).

Assim, a partir de 1900, nota-se o fato de que não são realizadas maiores considerações metapsicológicas acerca do conceito de eu. Além disso, nem mesmo com a dualidade pulsional entre pulsão de autoconservação (do eu) e pulsão sexual, proposta em 1915, o eu terá papel primordial, na medida em que as pulsões a ele associadas não se tornam alvo de grandes discussões, como se analisará posteriormente. Por sua vez, a partir de 1914, com a *Introdução ao narcisismo*, o eu passará a ter um papel de destaque após alguns anos de considerável ostracismo, dando ensejo à releitura da teoria tópica e pulsional.

Narcisismo e o “retorno” do conceito de eu na metapsicologia freudiana

Primeiramente analisado em 1914 em sua *Introdução ao narcisismo*, o narcisismo passou a ser considerado como um dos pontos essenciais no entendimento da evolução observada nos pontos de vista de Freud. Como implicações diretas desse conceito para a metapsicologia, citam-se as mudanças relacionadas à teoria da sexualidade, a revisão da dualidade pulsional proposta em *Pulsões e destinos de pulsão*, a abertura no campo da nosografia psicanalítica para o estudo das psicoses, a reformulação em relação ao agente da repressão e o retorno do conceito de eu e sua posterior estruturação.

Em relação à teoria da sexualidade, pode-se apontar que o conceito de narcisismo apresenta um significativo impacto para a teoria pulsional, especialmente se considerados os desenvolvimentos dos *Três ensaios* (1905) acerca da passagem da sexualidade infantil para a adulta. Neste trabalho, Freud aponta que a diferença entre a sexualidade infantil e a adulta reside na passagem do autoerotismo para o encontro com o objeto durante a puberdade. Em outros termos, a repressão da pulsão sexual com metas e objetos infantis estabelece a dinâmica da sexualidade adulta, sendo ressaltada a *esfera representacional* da escolha objetal. Desta forma, analisar a dinâmica da escolha objetal im-

plica considerar a gênese do *agente da escolha* e a gênese do *objeto escolhido*. Além disso, a noção de desejo deve ser considerada na dinâmica da escolha objetal, na medida em que destaca a representação de um objeto para fazer com que o sujeito o especifique e o escolha. Assim, a teoria freudiana necessita explicar os dois lados desta escolha objetal: *quem/o que escolhe* e *quem/o que é escolhido*.

Nos *Três Ensaios*, tal dinâmica não é profundamente analisada, não obstante a estreita relação estabelecida por Freud entre os conceitos de pulsão e de objeto em sua teoria sexual. Deve-se apontar que a teoria sexual apresentada em 1905 aponta que todas as práticas denominadas sexuais têm o prazer como meta, e, embora seja essencial para tal consecução, o objeto é um meio qualquer pelo qual ocorre a obtenção do prazer, sendo destacado seu caráter de *não especificação* na metapsicologia freudiana. Para a gênese do agente da escolha, Freud retoma o conceito de eu na década de 1910, especificamente a partir da introdução do conceito de narcisismo, ao passo que, em relação ao objeto, Freud analisa as relações entre Édipo e castração nos anos seguintes. Por ora, deve-se apontar que Freud reconhece na dinâmica narcísica a situação por excelência em que os dois lados da escolha objetal coincidem, uma vez que a figura por trás de quem escolhe e de quem é escolhido é a mesma: o eu do sujeito. Desta forma, o narcisismo é apresentado como o momento intermediário entre o autoerotismo e a escolha do objeto, em que se dá uma “nova ação psíquica”, ou seja, o desenvolvimento do eu.

O conceito de narcisismo aparece explicitamente pela primeira vez em uma nota de rodapé presente na segunda edição dos *Três ensaios de teoria sexual* (edição publicada em 1910), na qual há a análise da relação entre narcisismo e homossexualidade, agregada possivelmente em decorrência do ensaio *Uma recordação infantil de Leonardo da Vinci* publicado no mesmo ano. Neste ponto, nota-se que as primeiras elaborações sobre o narcisismo aparecem em 1910: o texto *A perturbação psicogênica da visão, segundo a psicanálise*, a nota de rodapé agregada aos *Três Ensaios* e o ensaio *Uma recordação infantil de Leonardo da Vinci*. Ademais, tal conceito apresenta um importante papel nas considerações acerca da homossexualidade e da paranoia, respectivamente no ensaio sobre Leonardo da Vinci e nas *Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia autobiograficamente descritivo* (Caso Schreber). Neste trabalho, Freud propõe que a paranoia constitui-se como um caso limite de defesa contra as emergências de moções pulsionais de cunho homossexual, sendo o narcisismo um conceito-chave na explicação desta dinâmica.

Em 1914, a partir da relação entre narcisismo e reversão, Freud passa a situá-lo no curso regular do desenvolvimento humano⁴, e aponta que “surgiu a conjectura de que

4 Como afirma Wollheim (1971), um dos maiores problemas nos quais Freud se debruçou ao longo de sua obra foi o “relacionamento entre a psicopatologia com a psicologia geral” (p. 67). Ainda, Freud em *O humor* cita: “Somente nos aventuramos a formular um juízo sobre o normal quando o deduzimos nos deslocamentos e deformações do patológico”

uma colocação de libido definida como narcisismo podia ocorrer em uma amplitude mais vasta e ter seu lugar dentro do desenvolvimento sexual regular do homem” (Freud, 1914/1989, p.71). Nesse sentido, Freud insere o narcisismo tanto na dinâmica de estados regulares do desenvolvimento humano – a partir da introdução do conceito de *narcisismo primário*, que se constitui como um estado de investimento libidinal inicial do eu cedido depois aos objetos, necessário assim para o desenvolvimento do eu – quanto na dinâmica de quadros clínicos de parafrenia e outros a partir dos quais é introduzido o conceito de *narcisismo secundário*, caracterizado como o investimento libidinal do eu após sua subtração dos objetos externos, ou, em outros termos, um retorno ao narcisismo primário após a consolidação e posterior dissolução de uma relação entre o eu e o objeto externo.

Desta forma, Freud considera dois caminhos para o investimento da libido: um voltado para os objetos e outro voltado ao eu, sendo introduzidos os conceitos de *libido objetual* e a *libido do eu*, respectivamente. Vale ressaltar que tal divisão fornece novos elementos conceituais para a análise do conflito neurótico, uma vez que, até então, sua expressão se dava em torno dos embates entre as pulsões de autoconservação e as sexuais, presentes desde o começo da década de 1910. Freud estabelece a diferenciação entre pulsões do eu e a sexual, ao mesmo tempo em que apresenta a hipótese de um investimento libidinal regular do eu por meio da introdução do conceito de narcisismo primário e de libido do eu. Além disso, é utilizado o conceito de *libido narcísica*, tornando ainda mais ambíguos seus posicionamentos em torno de sua teoria das neuroses. Em *Pulsões e destinos de pulsão* (1915/1989), publicado no ano seguinte à *Introdução ao narcisismo*, é reiterada a oposição entre as pulsões do eu (autoconservação) e as pulsões sexuais (libido), não obstante a consideração de tais elementos na metapsicologia. Assim, como pode ser mantido tal posicionamento em relação à teoria pulsional diante da introdução do conceito de libido do eu, por meio do qual se estabelece a possibilidade de um investimento da pulsão sexual no eu, terreno das pulsões de autoconservação? Segundo Monzani (1989), a partir da introdução do conceito de narcisismo, a explicação do conflito psíquico – entendido nas vicissitudes da luta entre as pulsões do eu (autoconservação) e pulsões sexuais após a introdução do conceito de narcisismo – torna-se vaga, bem como a diferenciação entre os conceitos de libido do eu e libido objetual. Esta será uma dificuldade com a qual Freud se depara e será mais bem explicitada posteriormente.

No terceiro capítulo do texto sobre o narcisismo é apresentado o conceito de ideal do eu, sendo fornecidos

(Freud, 1927/1989, p. 161). Por isso, notamos o modo como a conotação restritamente nosográfica e o apelo à ordem do patológico, encontrados no início da obra freudiana, foram se tornando exíguos à medida que ele formulava suas explicações para os fenômenos psíquicos gerais. A supressão do viés “patológico” presente em conceitos que até então possuíam tal conotação exclusiva constitui-se como uma das características fundamentais na obra de Freud.

elementos para a análise do mecanismo de repressão e sua importância para o desenvolvimento do eu. Segundo ele, “o que ele [o indivíduo] projeta frente a si como seu ideal é o substituto do narcisismo perdido de sua infância, na qual ele foi seu próprio ideal” (Freud, 1914/1989, p. 91). Neste excerto, notamos a relação estabelecida por Freud entre os conceitos de narcisismo e eu. Durante a infância, não há distinção entre o eu e o ideal, e, gradualmente, começa a haver uma diferenciação cujo resultado é a renúncia do estado da “perfeição narcísica” de que o sujeito gozou na infância; o ideal do eu constitui-se assim como o resultado deste processo. Sobre isso, pode-se dizer que a constituição do ideal do eu ocorre à custa de uma emaranhada dinâmica de identificação com as figuras parentais, pela qual se estabelece o registro tanto da renúncia do estado de narcisismo primário em que o sujeito se encontrava na infância quanto da tentativa de reencontro com tal estado. Vale destacar que somente as análises mais detidas sobre identificação, castração e o Édipo nos anos seguintes possibilitarão a Freud estabelecer os elementos da dinâmica de identificação com as figuras parentais e seus resultados para o desenvolvimento do eu.

Considerando que “a incitação para formar o ideal do eu, cuja tutela se confia à consciência moral, partiu da influência crítica dos pais” (Freud, 1914/1989, p. 92), deve-se apontar que a formação do ideal do eu é a condição do mecanismo de repressão. Um problema teórico que deve ser destacado é o modo como o fundamento de que o pré-consciente é o agente da repressão – como visto na tópica de 1900 – torna-se frágil devido ao fato de Freud começar a retirar o caráter tópico dos sistemas pré-consciente, consciente e inconsciente, atribuindo-lhes a função de qualidades psíquicas. Tal questão pode ser atribuída à retomada do conceito de eu na década de 1910 em sua relação com o conceito de narcisismo e a constatação da importância do papel dos processos inconscientes na base do mecanismo de repressão⁵.

Além disso, a análise sobre o uso dos termos *ideal do eu* [*Ichideal*] e *eu ideal* [*Idealich*] no texto de 1914 fornece elementos importantes para o entendimento da reformulação da tópica nos anos seguintes. Segundo Laplanche e Pontalis (1998), o ideal do eu seria a *instância* organizada por meio da convergência do narcisismo e das identificações com os pais, além de ser uma espécie de modelo com o qual o indivíduo deve se conformar. Por sua vez, o eu ideal seria uma *formação psíquica* definida como um ideal narcísico de onipotência, selado por meio do registro de identidade entre o eu e o ideal na infância. Desta forma, é acentuado o aspecto *tópico* do ideal do eu, sendo possível situar o *lugar* no qual se define o que será reprimido. Por sua vez, o eu ideal é o *narcisismo revivido*, introjetado no ideal do eu, cuja função precípua é diminuir a distância entre o eu e seu ideal.

5 Sobre a substituição de uma terminologia meramente descritiva por uma sistemática e dinâmica da tópica, cf. o apêndice A de “O eu e o isso” escrito por James Strachey.

Como pôde ser observado, o conceito de identificação assume gradualmente uma importância capital na metapsicologia freudiana, uma vez que ele é destacado nas análises acerca do eu e o narcisismo. Em *Luto e melancolia*, Freud apresenta alguns fatores que diferenciam a melancolia do luto normal, como a perturbação do amor próprio e o empobrecimento do eu. Segundo ele, na melancolia:

Houve uma escolha de objeto, uma ligação da libido a uma pessoa determinada; graças à influência de uma *ofensa real* ou *decepção* por parte da pessoa amada, essa relação ficou abalada... O investimento de objeto provou ser pouco resistente, foi suspenso, mas a libido livre não se deslocou para um outro objeto e sim se retirou para o ego. (Freud, 1917/2011, p. 61)

Na dinâmica envolvendo o destino da libido objetal desinvestida encontra-se a característica essencial da melancolia: após uma frustração, a libido retira-se para o eu, redundando em sua identificação com o objeto abandonado. Freud afirma ainda que este tipo de substituição do amor objetal pela identificação é um mecanismo essencial nas neuroses narcísicas, correspondendo à regressão de um tipo de escolha de objeto para um narcisismo originário. Isto nos remete ao trabalho sobre Leonardo da Vinci, em que é ressaltada a relação entre identificação e processo defensivo. Considerando o fato de a identificação se constituir como uma etapa preliminar da escolha de objeto – sendo a primeira modalidade pela qual o eu distingue os objetos –, ela apresenta-se ambivalente em sua expressão, remetendo à dinâmica oral do desenvolvimento libidinal.

Deve-se analisar a questão sobre a origem do eu e suas relações com o conceito de identificação em *Luto e melancolia*. Por meio de uma análise isolada do artigo de 1914, nota-se o posicionamento hesitante de Freud em estabelecer uma relação fundamental entre a identificação e a formação do eu. Como se poderia falar de um narcisismo que constitui o eu do sujeito, sendo que o narcisismo parece fazer nenhuma referência ao objeto? Ou melhor, como tratar de anobjetalidade e identificação? Alguns elementos podem nos auxiliar no deslinde desta questão.

Segundo Laplanche (1988) há duas interpretações possíveis para o conceito de narcisismo: 1) estado anobjetal, *sem mediação* de objetos do mundo externo; ou 2) relação de si consigo mesmo *por intermédio* de certa imagem do eu. Deve-se apontar que, segundo ele, a segunda interpretação é a mais exequível, sendo descartada assim uma leitura anobjetal do narcisismo. Além disso, ele aponta que esta interpretação implica a noção de totalização por meio de uma delimitação de unidade. Assim, o narcisismo é entendido como uma relação estabelecida verdadeiramente com a imagem do outro. Ressaltamos que, de acordo com o próprio texto freudiano, podemos encontrar indícios que vêm ao encontro da segunda interpretação apontada por esse autor.

Por exemplo, se analisado o texto *Formulações sobre os dois princípios do acontecer psíquico* de 1911, Freud nos apresenta indícios de que a constituição do eu não pode prescindir de objetos do mundo exterior. Isto pode ser observado com a introdução dos conceitos de *eu-prazer* e *eu-realidade*, por meio dos quais a constituição do eu é entendida na relação de prazer e desprazer estabelecida com os objetos. Assim, os objetos que constituem o *eu-prazer* são considerados parte do sujeito, ao passo que aqueles relacionados ao *eu-realidade* são ejetados, não se constituindo como parte do sujeito. Desta forma, considerando tais desenvolvimentos, advindo da identificação com os objetos que trazem prazer, o *eu-prazer* possui em si a *incorporação de todos os objetos externos necessários para sua estruturação*. Assim, as análises realizadas em *Luto e Melancolia* apontam que o narcisismo deve ser entendido como uma *identificação narcísica com o objeto*, consequência de desenvolvimentos anteriores da metapsicologia freudiana em torno dos conceitos de eu, narcisismo e identificação. Deste modo, aponta-se uma possível leitura que salienta o fato de *o eu se constituir com referência ao objeto*, pautado pelo mecanismo de identificação em sua origem.

O conceito de eu na fase final da obra de Freud

Das contradições presentes na tópica de 1900, o problema da inserção da consciência na tópica, a reformulação do eu a partir do narcisismo, o papel da identificação em sua constituição e as questões envolvendo o inconsciente e o reprimido, podem ser citados como motivos para a releitura freudiana de sua tópica em *O eu e o isso* (1923/1989), resultado das análises presentes em *Para além do princípio do prazer* (1920/1989). Neste artigo, podem ser citados alguns aspectos importantes para a análise da releitura da tópica freudiana em 1923, especialmente os limites do sistema inconsciente e sua relação com o eu, e a introdução do conceito de pulsão de morte na metapsicologia freudiana. Sobre o primeiro aspecto, Freud aponta:

Eliminamos esta obscuridade colocando em oposição não o consciente e o inconsciente, mas o *eu* coerente e o *reprimido*. É que, sem dúvida, também o interior do eu é muito o inconsciente: justamente o que pode se chamar de “núcleo do eu”. (Freud 1920/1989, p. 19)

Partindo de achados clínicos, especialmente a emergência do fenômeno da resistência, Freud aponta que o reprimido está no mesmo nível inconsciente da instância que enceta o processo de defesa. Embora tal ideia não seja estrangeira aos desenvolvimentos metapsicológicos anteriores à década de 1920 (Laplanche, 1987; Monzani, 1989), somente em *Para além do princípio do prazer* ela é caracterizadamente enfatizada, implicando a maior delimitação do conceito de eu em sua relação com o sistema pré-consciente/consciente e inconsciente.

Desde a introdução do conceito de narcisismo, Freud amplia as funções do eu na economia, dinâmica e tópica dos processos psíquicos, bem como indica a existência de diversas instâncias em sua estruturação. O conceito de identificação assume também um papel de destaque nas análises do conceito de eu na metapsicologia freudiana, como analisado anteriormente. Como já apontado, as lacunas presentes nos *Três ensaios* envolvendo a passagem da sexualidade infantil para a adulta redundam na necessidade de esclarecimentos acerca da gênese do agente da escolha objetual. A introdução do conceito de narcisismo possibilita deslindar esta questão na medida em que resgata o conceito de eu na metapsicologia freudiana como elemento central desta passagem. Em decorrência das ambiguidades resultantes da questão envolvendo o narcisismo e o apelo ao conceito de objeto em sua dinâmica, a identificação salienta ainda mais o caráter objetual na formação do eu, além de suscitar a introdução de novos elementos para o estudo da teoria do Édipo e da castração na década de 1920.

Outro aspecto que deve ser mencionado é a possibilidade da releitura da teoria tópica na década de 1920 a partir dos desenvolvimentos freudianos em torno do conceito de identificação, uma vez que a organização das instâncias psíquicas baseia-se nos desenlaces da complexa dinâmica envolvendo a identificação e as escolhas de objeto na história de vida do indivíduo. Nesse sentido, a identificação é um conceito imprescindível no estudo sobre a constituição do eu e destaca suas relações com pilares fundamentais da metapsicologia freudiana, como a teoria tópica e a teoria pulsional.

Em *Psicologia das massas e análise do eu*, Freud (1921/1989) afirma que a identificação constitui-se como “a mais precoce exteriorização de uma ligação afetiva com outra pessoa” (p. 99). Analisando o período inicial do Édipo masculino, Freud apresenta a maneira como as distintas ligações com as figuras da mãe e do pai ocorrem de maneira concomitante sem se influenciarem, sendo possível investigar aspectos temporais entre os processos de identificação e escolha de objeto. Sobre isso, Freud estabelece uma diferenciação entre a identificação com o pai e a escolha do pai como objeto, a partir da distinção gramatical entre os verbos *ser* e *ter*. No caso da identificação, o pai representa o que se quer *ser*, ao passo que, no segundo caso, o pai representa o que se quer *ter*. Nesse sentido, a identificação aspira configurar o eu à semelhança do outro, tomado como “modelo”, destacando-se novamente o apelo imprescindível ao objeto. Embora se ressalte a anterioridade da identificação em relação à escolha objetual, há posicionamentos que indicam o contrário, como em *Psicologia das massas e análise do eu*: “a identificação substitui a escolha de objeto; a escolha de objeto regride até a identificação” (p. 100), seguindo as análises presentes em *Leonardo e Luto e melancolia*.

Devem ser indicados alguns aspectos na obra de Freud que indicam a anterioridade da identificação, principalmente a partir da introdução do conceito de narcisismo. Sobre isso, nota-se a importância das análises de

Freud na década de 1910, notadamente em *Totem e tabu* (1913[1912]/1989), na edição de 1915 dos *Três ensaios* e em *Luto e melancolia* (1917[1915]/1992), trabalhos nos quais Freud associa as fantasias de incorporação oral à origem da identificação. Wollheim (1976) aponta que é mais explícito o posicionamento de Freud acerca da anterioridade da identificação devido a aspectos importantes da dinâmica oral na formação do eu. Em *Psicologia das massas e análise do eu*, Freud ressalta o papel da identificação em sua gênese e indica de maneira mais direta a cisão que opera em sua estrutura. Tornam-se mais evidentes modelos distintos e complementares de identificação por que passa a constituição do eu, redundando na introdução dos conceitos de identificação primária e secundária em *O eu e o isso*.

Segundo Laplanche (1987), a identificação primária pode ser entendida na dinâmica oral entre o eu e o objeto, modelo “que é ao mesmo tempo relação com o outro e assimilação do outro” (p. 303). Partindo da noção de canibalismo, esta primitiva relação acompanha os movimentos ambivalentes de amor e destruição do objeto, marcando sobremaneira a identificação secundária a ponto de poder se constituir como base de toda identificação ulterior. Segundo Simanke (1994), o processo completo de identificação pode ser sucintamente descrito assim: identificação primária (seio materno) – escolha de objeto (edípica) – identificação secundária. A primeira corresponderia ao estágio narcísico e redundaria na formação do ideal do eu, ao passo que a segunda refere-se à saída do Édipo e à formação do supereu como a herança deste complexo.

Cumprido ressaltar que, a partir de sua releitura em *O eu e o isso*, a teoria do Édipo apresenta um papel de destaque nas elaborações freudianas em torno dos conceitos de identificação e escolha objetual, sendo oferecidos novos elementos para a análise dos conceitos de eu e objeto em sua metapsicologia. Além disso, são introduzidos novos elementos para a análise do conceito de objeto na metapsicologia freudiana, na medida em que é ressaltada a importância do conceito de representação para sua especificação e escolha por parte do eu. Nas análises empreendidas em *O eu e o isso*, ele aponta:

Assim, como resultado mais universal da fase sexual governada pelo complexo de Édipo, pode-se supor uma sedimentação no eu, que consiste no estabelecimento destas duas identificações [com o pai e com a mãe], unificadas de alguma maneira entre si. Esta alteração no eu recebe sua posição especial: enfrenta-se ao outro conteúdo do eu como ideal do eu ou supereu. (Freud, 1923/1989, pp. 35-36)

Nesse excerto, notamos a importância dos conceitos de identificação primária e secundária na elaboração da tópica estrutural proposta por Freud em 1923, sendo acrescentados novos elementos aos conceitos de eu e objeto a partir da análise do Édipo. O uso do termo “sedimentação” implica falar de uma gênese identificatória do eu, pautada no registro do objeto.

Por sua vez, a identificação secundária é o processo cujo resultado é a formação do supereu, como “nova” sedimentação, resultado do abandono da escolha objetual. Deste modo, o eu vai se constituindo por meio da sedimentação dos investimentos objetais – abandonados ao longo da vida –, indo desde a primeira relação com o seio materno, em que a identificação é entendida ao mesmo tempo como *relação* com o objeto e sua assimilação, até a sedimentação dos investimentos objetais abandonados após a dissolução do conflito edípico.

Conforme exposto, a introdução do conceito de pulsão de morte em 1920 apresenta impactos para a releitura da teoria tópica realizada em 1923. Neste trabalho, Freud reconhece o fenômeno da compulsão à repetição por meio de observações clínicas do jogo infantil, a neurose de guerra, os sonhos das pessoas com neurose traumática, bem como de exemplos da embriologia e especulações sobre o desenvolvimento biológico do ser vivo elementar. Além disso, deve ser citada a importância dos estudos sobre a neurose obsessiva e a reação terapêutica negativa⁶ na clínica para o reconhecimento do fenômeno da compulsão à repetição na obra freudiana.

Freud pontua o caráter conservador da vida em direção ao restabelecimento de estados anteriores e inanimados, afirmando que “*a meta de toda vida é a morte*; e, retrospectivamente: *O inanimado esteve aí antes que o vivo*” (Freud, 1920/1989, p. 38). Deste excerto, conclui-se que a vida em sua origem seria preservada por meio da repetição, e, desta forma, mesmo a pulsão do eu – que apresenta a função precípua de autopreservação do organismo conforme a teoria pulsional de 1915 – é associada com o caráter regressivo de “assegurar o caminho em direção à morte peculiar do organismo” (p. 39).

Posteriormente, Freud desenvolve sua releitura da teoria pulsional na esteira das análises sobre o narcisismo e da compulsão à repetição. Como apontado, a introdução do narcisismo ressalta o componente libidinal no desenvolvimento do eu e torna insuficiente a oposição entre as pulsões sexuais e as do eu. Por sua vez, o fenômeno de compulsão à repetição salienta o caráter da pulsão em retornar a “estados anteriores à substância viva” (Freud, 1920/1989, p. 40), sendo a vida entendida como uma espécie de prolongamento do trajeto em direção à morte. Assim, Freud considera o dualismo entre as pulsões de vida e de morte em sua metapsicologia, ambas partindo do caráter regressivo inerente à noção da compulsão à repetição em sua relação com o princípio do prazer.

Vale destacar a relação entre a compulsão à repetição e o princípio do prazer, que lança luz sobre a constituição do eu na metapsicologia freudiana. Sobre isso, a compulsão à repetição tem como função:

transpor a excitação do estado livre para estado ligado, ou seja, dominá-la, submetê-la a um outro

6 Cf. o caso do *Homem dos Lobos* e a expressão da reação terapêutica negativa como um dos principais obstáculos ao tratamento psicanalítico (Freud, 1918/1989).

regime de funcionamento e de circulação. Os processos regidos pela compulsão à repetição teriam, assim, a função de ligar a excitação; só após essa ligação, o princípio do prazer poderia passar a vigorar. (Simanke & Caropreso, 2006b, p. 220)

Considerando que o funcionamento psíquico regido pelo princípio do prazer somente é plausível caso seja considerada a possibilidade de ligação da excitação na tópica, de acordo com as análises sobre a compulsão à repetição e o caráter conservador das pulsões, nota-se a importância da noção de “ligação” [*Bindung*] e “desligamento” [*Entbindung*]⁷ na organização do eu.

Conforme já exposto, na análise da melancolia Freud descreve o modo como o eu é julgado como um objeto após seu abandono e posterior identificação, apontando inúmeros aspectos destrutivos dessa dinâmica. Em *Para além do princípio do prazer*, Freud (1920/1989) indica que aspectos destrutivos ocorrem em função do “caráter regressivo das pulsões” (p. 57), sendo a pulsão de morte “a inspiração de mais universal de tudo o que é vivo a voltar para trás, até o repouso do mundo inorgânico” (p. 60). Em outros termos, o “cultivo puro da pulsão de morte” (Freud, 1923/1989, p. 54) empreendido pelo supereu pode levar o eu a um estado de repouso do inorgânico, ou, em outros termos, à morte.

Sabe-se da importância do caráter organizador do eu na metapsicologia freudiana, desde o *Projeto*. Contudo, a partir da introdução do conceito de pulsão de morte, pode-se apontar que o *Entbindung* ocupa um papel importante para se pensar o conceito de eu em suas relações com outras instâncias psíquicas e com a realidade. Neste ponto, a introdução do isso oferece novos elementos para a análise da relação entre o eu e pulsão de morte. A partir dos argumentos apresentados por Laplanche (1989), Monzani (1989) afirma que podem ser apontadas quatro implicações deste conceito para a metapsicologia. São elas: 1) uma referência mais direta ao biológico por parte da psicanálise; 2) ratificação de uma orientação acentuadamente geneticista referentes aos impasses da psicanálise; 3) acentuação do fator impessoal do que move o ser humano; 4) organização na questão do conflito quando emergem os conceitos de eu, supereu e ideal do eu, e suas partes inconscientes.

Primeiramente, pode-se dizer que a leitura da teoria pulsional em 1920 retira do eu o papel de reservatório das pulsões, sendo atribuída tal função ao isso. Nota-se que “o biológico, enquanto tal, parece invadir uma parte do aparelho psíquico e, mais especificamente, o domínio do inconsciente” (Monzani, 1989, p. 266), sendo o isso a

7 De acordo com Laplanche e Pontalis (1998), o termo *Entbindung* literalmente pode ser traduzido como “desligação”. Segundo os autores, essa tradução considera a oposição com o *Bindung* freudiano, traduzido por “ligação”. Também apontam que ele se refere a “um processo de desencadeamento, de liberação brusca de energia” (Laplanche & Pontalis, 1998, p. 270). Segundo Hanns (1996), este termo associa-se com os verbos desamararr, desatar, liberar e desligar. Desta forma, optou-se pela utilização de “desligamento” para a tradução do termo em questão.

pedra central da metapsicologia freudiana para a alocação da pulsão de morte na tópica. Nesse sentido, uma vez que o eu se constitui como uma modificação do isso a partir do contato com a realidade – por meio da percepção e ação motora – o caráter biológico do aparelho psíquico irrompe nas estruturas do eu e, assim, do supereu.

Outro fato que merece destaque é encontrado ao final da obra de Freud, especificamente em *Análise terminável e interminável* (1937/1989), *Esboço de psicanálise* (1940b/1989) e *A cisão do eu no processo defensivo* (1940a/1989). Na seção V de *Análise terminável e interminável*, Freud afirma que o eu se aproxima, em maior ou menor grau, do eu psicótico, apontando ainda que o eu “normal” é uma ficção. Em relação às considerações sobre o eu que destacam o caráter de força em sua estruturação, em *Esboço de psicanálise*, Freud afirma que o eu do psicótico não é fraco, uma vez que, de acordo com a teoria do narcisismo, o eu psicótico deve ser altamente investido a ponto de substituir a realidade externa e oferecer-se ao isso como objeto de amor. Por fim, em *A cisão do eu no processo defensivo*, torna-se claro o impacto da dinâmica da castração para o desenvolvimento do eu, especialmente a partir dos estudos sobre o processo defensivo nos casos de fetichismo e psicose, realizados nos anos anteriores. Sobre isso, Freud reitera a posição de que a castração deve ser entendida como o limite imposto a uma exigência pulsional que, se satisfeita, resultaria em um “perigo real-objetivo difícil de suportar” (Freud, 1940a/1989, p. 275). Tais análises indicam que a dinâmica da castração implica a consideração de inevitáveis rupturas no núcleo do eu como resultado do perigo da manutenção de uma condição narcísica estável.

Considerações finais

Ao longo deste artigo, procurou-se analisar o modo como o conceito de eu apresenta significativas relações com pilares teóricos da metapsicologia freudiana, como a teoria pulsional e tópica. Desde o *Projeto*, Freud define o papel de *centro organizador* do eu no curso de excitação da tópica, constituindo-se como “uma unidade frente à diversidade do pulsional” (Monzani, 1989, p. 244) e uma instância psíquica na releitura da teoria tópica em 1923. Foi analisada a importância do conceito de narcisismo em sua constituição e, conforme analisado, o “retorno” do eu possibilita a retomada de questões desenvolvidas nos *Três ensaios*, principalmente no que diz respeito à passagem do autoerotismo para a sexualidade adulta. Neste ponto, nota-se uma possível leitura da obra freudiana que ressalta aspectos de maturação e adaptação do eu à realidade. Contudo, tal leitura unívoca em torno do conceito de eu na obra de Freud pode ser rechaçada, se considerados os impasses teóricos analisados no desenvolvimento do artigo.

A partir dos estudos metapsicológicos de 1915 e das relações entre os conceitos de narcisismo e castração, podem ser indicados aspectos *não organizados* na constituição do eu, principalmente a partir da introdução do conceito de pulsão de morte em 1920 e a ênfase em aspectos de desligamen-

to no processamento de representações na tópica freudiana. Embora Freud reconheça que uma de suas funções é assegurar o registro do princípio de realidade, a partir da introdução do conceito de narcisismo e sua relação com a castração ao final de sua obra, foram analisadas as lacunas da relação entre o eu e a realidade, as quais indicam que ele não pode ser considerado como um centro organizador em sentido estrito. Em sua dinâmica devem ser considerados aspectos de desligamento advindos também de sua relação fundamental com o isso, e, ao final de sua obra, percebe-se de maneira significativa a instabilidade dos vínculos entre o eu e a realidade por meio das considerações sobre os incontornáveis déficits em sua função sintética nos processos defensivos⁸.

Diante disso, pode-se afirmar que a noção de desligamento vem a nos auxiliar na explicação do modo como o eu é modificado em sua organização e suas importantes consequências para sua relação com a realidade, especialmente se considerada a releitura da teoria pulsional e tópica na década de 1920, bem como a relação estreita entre os conceitos de castração e angústia na fase final de sua obra. Contudo, deve ser destacada a ausência do conceito de pulsão de morte na releitura da teoria da angústia proposta por Freud nesta época, não obstante os desenvolvimentos apresentados em 1920. Um dos principais motivos para isso é a estreita relação entre o conceito de castração e a pulsão sexual na metapsicologia freudiana, redundando no entendimento de que a libido é o perigo do qual o eu é alvo. Deste modo, é salientado o *caráter estritamente erótico* da castração, não sendo possível a introdução da pulsão de morte nas descrições referentes à gênese da angústia e dos mecanismos de defesa erigidos pelo eu.

No que diz respeito aos conceitos de eu e objeto, as análises realizadas em *Luto e melancolia*, na esteira das ideias desenvolvidas em *Formulações sobre os dois princípios do acontecer psíquico*, apontam que o eu se constitui com referência ao objeto, na medida em que o narcisismo é entendido como uma *identificação narcísica com o objeto*. Considerando as análises realizadas em *O eu e o isso* (1923/1989), a noção de perda do objeto é de suma importância para o entendimento do registro da castração na dinâmica envolvendo os modelos de identificação primária e secundária, os quais estabelecem as bases da formação do eu em sua relação com as outras instâncias psíquicas e a realidade. Por sua vez, as análises realizadas em *Inibição, sintoma e angústia* de 1926, e os estudos sobre fetichismo e psicoses na fase final de sua obra indicam a reação do eu diante da ameaça de perda de uma condição narcísica inicial, sendo a angústia a marca principal de um eu perpassado pela castração e rupturas em sua constituição. Isto porque a relação estabelecida por Freud entre narcisismo, identificação e castração evidencia o fato de o eu encontrar sua expressão em meio a fragmentações e lacunas inerentes em seu desenvolvimento.

8 Noção presente desde os manuscritos de sua correspondência com Fliess, como o *Manuscrito N* anexado à *carta 39* (Freud, 1950a/1989), no qual Freud analisa a oposição entre as representações reprimidas e o eu na dinâmica das neuroses, culminando com as alterações do eu no processo defensivo.

Establishment of the concept of ego in Freudian metapsychology

Abstract: This article analyzes the establishment of the concept of ego in Freudian metapsychology in *Project for a Scientific Psychology* (1895), and then the “return” in his writings on narcissism and the topical reformulation in *The ego and the id* (1923), due to *Beyond the pleasure principle* (1920). This essay indicates the relations between the concept of ego and important theoretical fundaments, as topical and drives theories. Therefore, submitting the concept of ego to an investigation capable of detecting its guiding principles is an important tool for the purpose of analyzing some ambiguities in Freud’s theory.

Keywords: Epistemology, psychoanalysis, metapsychology, ego.

La constitution du concept de moi dans la métapsychologie freudienne

Resumé: Cet article analyse le processus de la constitution du concept de moi dans la métapsychologie freudienne, en partant de *Projet d’une psychologie* (1895), ainsi que son « retour » à partir des essais sur le narcissisme et le reformulation de la topique dans *Le moi et le ça* (1923) grâce à *Au-delà du principe de plaisir* (1920). Cette division dans l’œuvre de Freud dénote les liaisons entre ce concept-là avec des notions-clés dans la métapsychologie, comme les théories topique et pulsionnelle. Donc, soumettre le concept de moi à une enquête capable de détecter ses principes directeurs est un moyen important d’analyser quelques ambiguïtés dans son œuvre.

Mots-clés: epistemologie, psychanalyse, métapsychologie, moi.

La constitución del concepto del yo en la metapsicología freudiana

Resumen: Este artículo analiza el proceso de constitución del concepto de yo en la metapsicología freudiana, empezando por el *Proyecto de una psicología* (1895), así como su « retorno » en la metapsicología freudiana a partir de la teoría del narcisismo y la relectura de la tópica en *El yo y el ello* (1923), resultado de *Más allá del principio del placer* (1920). Esta división de la obra de Freud indica las relaciones del concepto de yo con importantes pilares de la metapsicología freudiana, como las teorías tópica y pulsional. Por consiguiente, someter el concepto del yo a una investigación capaz de detectar sus principios norteadores es una herramienta importante de análisis de las ambigüedades en la obra de Freud.

Palabras-clave: epistemología, psicoanálisis, metapsicología, yo.

Referências

- Assoun, P.-L. (1991). *O freudismo*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar.
- Caropreso, F. (2003). O conceito freudiano de representação em “Sobre a concepção das afasias”. *Paidéia: Cadernos de Psicologia e Educação*, 13(25), 13-26.
- Caropreso, F. (2011). *Freud e a natureza do psíquico*. São Paulo, SP: AnnaBlume.
- Caropreso, F., & Simanke, R. (2006a). *Temas de introdução à psicanálise freudiana*. São Carlos, SP: EdUFSCar.
- Caropreso, F., & Simanke, R. (2006b). Compulsão à repetição: um retorno às origens da metapsicologia freudiana. *Ágora*, 9(2), 207-224.
- Caropreso, F., & Simanke, R. (2008). Uma reconstituição da estratégia freudiana para a justificação do inconsciente. *Ágora*, 11(1), 31-51.
- Freud, S. (1989). Fragmentos da correspondência com Fliess. In S. Freud, *Obras completas de Sigmund Freud* (Vol. 1, pp. 211-322). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1950a).
- Freud, S. (1989). A interpretação dos sonhos. In S. Freud, *Obras completas de Sigmund Freud* (Vol. 5, pp. 504-611). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1900)
- Freud, S. (1989). Três ensaios de teoria sexual. In S. Freud, *Obras completas de Sigmund Freud* (Vol. 7, pp. 109-224). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1905)
- Freud, S. (1989). A perturbação psicogênica da visão, segundo a psicanálise. In S. Freud, *Obras completas de Sigmund Freud* (Vol. 11, pp. 205-216). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1910)
- Freud, S. (1989). Uma recordação infantil de Leonardo da Vinci. In S. Freud, *Obras completas de Sigmund Freud* (Vol. 11, pp. 53-128). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1910)
- Freud, S. (1989). Formulações sobre os dois princípios do acontecer psíquico. In S. Freud, *Obras completas de*

- Sigmund Freud* (Vol. 12, pp. 217-232). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1911)
- Freud, S. (1989). Totem e tabu. In S. Freud, *Obras completas de Sigmund Freud* (Vol. 13, pp. 1-164). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1913)
- Freud, S. (1989). Introdução ao narcisismo. In S. Freud, *Obras completas de Sigmund Freud* (Vol. 14, pp. 65-98). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1914)
- Freud, S. (1989). Pulsões e destinos de pulsão. In S. Freud, *Obras completas de Sigmund Freud* (Vol. 14, pp. 105-134). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1915)
- Freud, S. (1989). Da história de uma neurose infantil (Caso do Homem dos Lobos). In S. Freud, *Obras completas de Sigmund Freud* (Vol. 17, pp. 1-112). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1918)
- Freud, S. (1989). Para além do princípio do prazer. In S. Freud, *Obras completas de Sigmund Freud* (Vol. 18, pp. 1-62). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1920)
- Freud, S. (1989). Psicologia das massas e análise do eu. In S. Freud, *Obras completas de Sigmund Freud* (Vol. 18, pp. 63-136). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1921)
- Freud, S. (1989). O eu e o isso. In S. Freud, *Obras completas de Sigmund Freud* (Vol. 19, pp. 1-66). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1923)
- Freud, S. (1989). Inibição, sintoma e angústia. In S. Freud, *Obras completas de Sigmund Freud* (Vol. 20, pp. 71-164). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1926)
- Freud, S. (1989). O humor. In S. Freud, *Obras completas de Sigmund Freud* (Vol. 21, pp. 153-162). Buenos Aires: Amorrortu (Trabalho original publicado em 1927)
- Freud, S. (1989). Análise terminável e interminável. In S. Freud, *Obras completas de Sigmund Freud* (Vol. 23, pp. 211-254). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1937)
- Freud, S. (1989). A cisão do eu no processo defensivo. In S. Freud, *Obras completas de Sigmund Freud* (Vol. 23, pp. 271-278). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1940a)
- Freud, S. (1989). Esboço de psicanálise. In S. Freud, *Obras completas de Sigmund Freud* (Vol. 23, pp. 133-210). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1940b)
- Freud, S. (1995). *Projeto de uma Psicologia Científica* (tradução de O. Faria Gabby Jr.). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1950b)
- Freud, S. (2011). *Luto e melancolia* (tradução de M. Carone). São Paulo, SP: Cosac Naify (Trabalho original publicado em 1917)
- Gabbi Júnior, O. (1995). Notas críticas sobre *Entwurf einer Psychologie*. In S. Freud, *Projeto de uma Psicologia Científica* (Osmyr Faria Gabbi Júnior, trad.). São Paulo, SP: Imago.
- Hanns, L. (1996). *Dicionário comentado do alemão de Freud*. Rio de Janeiro, RJ: Imago.
- Laplanche, J. (1987). *Problemáticas I: a angústia*. São Paulo, SP: Martins Fontes.
- Laplanche, J. (1988). *Problemáticas II: castração – simbolizações*. São Paulo, SP: Martins Fontes.
- Laplanche, J. (1989). *Problemáticas IV: o inconsciente e o id*. São Paulo, SP: Martins Fontes.
- Laplanche, J., & Pontalis, J.-B. (1998). *Vocabulário de psicanálise*. São Paulo, SP: Martins Fontes.
- Monzani, L. (1989). *Freud: o movimento de um pensamento*. Campinas, SP: Ed. da Unicamp.
- Simanke, R. (1994). *A formação da teoria freudiana das psicoses*. Rio de Janeiro, RJ: Editora 34.
- Simanke, R. (2005). Memória, afeto e representação: o lugar do “Projeto” no desenvolvimento inicial da metapsicologia freudiana. *Revista Olhar*, 12-13, 12-40.
- Simanke, R. (2007). Cérebro, percepção e linguagem: elementos para uma metapsicologia da representação em “Sobre a concepção das afasias” (1891) de Freud. *Discurso – Revista do Departamento de Filosofia da USP*, 36, 53-91.
- Wollheim, R. (1971). *As ideias de Freud*. São Paulo, SP: Cultrix.
- Wollheim, R. (Ed.). (1976). *Freud: uma coletânea de ensaios críticos* (2 vols.). Rio de Janeiro, RJ: Artenova.

Recebido: 05/09/2013

Revisado: 28/04/2014

Aceito: 09/05/2014